

Natureza Viva: a Presença das Comunidades Tradicionais na Rádio Nacional da Amazônia

*Natureza Viva: the Presence of Traditional Communities on Rádio Nacional da
Amazônia*

*Natureza Viva: la Presencia de Comunidades Tradicionales en la Radio
Nacional da Amazonia*

*Cláudio Chaves Paixão¹
Amanda Maurício Pereira Leite²*

Resumo: Este estudo propõe apresentar algumas discussões conceituais sobre comunidades tradicionais, trazendo autores que relatam as diferentes características que identificam esses grupos e destacam como essas comunidades conseguem espaço no programa Natureza Viva, da Rádio Nacional da Amazônia. O trabalho aborda a criação da emissora como ferramenta de segurança nacional do governo militar e procura mostrar como a sua programação foi evoluindo com o objetivo de falar com as diferentes comunidades tradicionais que vivem na Região Amazônica. Assim, expõe a trajetória do *Natureza Viva* destacando momentos em que o programa esteve amplamente engajado na divulgação de ações e de manifestações culturais de comunidades tradicionais.

Palavras-chave: Comunidades tradicionais. Rádio Nacional da Amazônia. Natureza viva.

Abstract: This study proposes to present some conceptual discussions about traditional communities based on authors who report the different characteristics that identify these groups and highlight how these communities get space in the emphasize at program Natureza Viva, from Rádio Nacional da Amazônia. The work approaches the creation of the station as military government's National security tool and seeks how the program schedule has been developed by considering the different traditional communities living in the Região Amazônica. Thus, this present the Natureza Viva's trajectory, with highlighting moments when the program was widely engaged in the dissemination of actions and cultural manifestations of traditional communities

Keywords: Traditional communities. Rádio Nacional da Amazônia. Natureza viva.

¹ Universidade Federal do Tocantins (UFT), Palmas, Tocantins, Brasil, ccpaixao@gmail.com

² Universidade Federal do Tocantins (UFT), Palmas, Tocantins, Brasil, amandaleite@mail.uft.edu.br

Resumen: Este estudio propone presentar algunas discusiones conceptuales sobre las comunidades tradicionales que traen autores que informan sobre las diferentes características que identifican a estos grupos y resaltan cómo estas comunidades obtienen espacio en el programa *Nature Live* de la Radio Nacional del Amazonas. El trabajo aborda la creación de la estación como una herramienta de seguridad nacional del gobierno militar y busca mostrar como ha evolucionado su programación con el objetivo de hablar con las diferentes comunidades tradicionales que viven en la región amazónica. Por lo tanto, expone la trayectoria de la *Natureza Viva* destacando los momentos en los que el programa estuvo ampliamente involucrado en la difusión de comunidades tradicionales.

Palabras clave: Comunidades tradicionales. Rádio Nacional da Amazônia. *Natureza Viva*.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta reflexões sobre o processo histórico de criação e consolidação do programa *Natureza Viva*, da Rádio Nacional da Amazônia, e como as comunidades tradicionais têm conseguido espaço no programa para difundirem suas manifestações culturais. Para entender esse processo, o trabalho apresenta o conceito de comunidades tradicionais. A discussão parte da seguinte questão: como a Rádio Nacional da Amazônia, por meio do programa *Natureza Viva*, tem conseguido integrar as comunidades tradicionais da Região Amazônica com o restante do país? O trabalho também se preocupa em identificar a contribuição do programa para o fortalecimento da cidadania desses grupos.

Para estimular o pensamento a partir da questão-chave desta pesquisa, usamos a fundamentação teórica proposta por Brandão (2010), Costa Filho et al. (2016), Moraes et al. (2017), Diegue (1996), autores que trabalham com a classificação de comunidades tradicionais, procurando descrever a atuação dessas comunidades dentro dos espaços geográficos em que estão inseridas. Ressaltamos que esses autores não trabalham em consenso quanto à classificação de comunidades tradicionais, porém a visão deles, em conjunto, nos ajuda a melhor compreender a temática.

A pesquisa também se baseia no contato direto com a equipe da Rádio Nacional da Amazônia e, especialmente, o programa *Natureza Viva*. Durante a realização desta pesquisa entrevistamos a titular do programa, Mara Régia, que cedeu gravações do *Natureza Viva*, trechos de cartas encaminhadas pelos ouvintes e dados históricos, além de realizar uma visita à emissora e também coletar dados por meio de contato telefônico e e-mail.

2 COMUNIDADES TRADICIONAIS: POSSIBILIDADES CONCEITUAIS

As categorias povos e comunidades tradicionais são relativamente novas, tanto na esfera

governamental quanto na esfera acadêmica ou social. Apenas em 2007 o Brasil passou a contar com uma Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT), estabelecida por meio do Decreto 6040/2007. Por outro lado, o processo de resistência desses grupos é histórico. Desde 1970, os movimentos sociais têm incorporado critérios étnicos, de gênero, elementos de consciência ecológica e de autodefinição coletiva em suas reivindicações. O Decreto 6040/2007 traz o conceito operacional para “povos e comunidades tradicionais”, definindo-os como:

[...] grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (BRASIL, 2007, p. 1).

Enquanto o Decreto 6040/2007 trata as comunidades tradicionais como organização social com características próprias, Brandão (2010) amplia a discussão, destacando que as comunidades tradicionais existem em função das cidades e que suas relações se ampliam a outros grupos tribais. O autor ressalta, neste sentido, que as cidades são referências para os moradores das comunidades tradicionais.

De forma diversa, a sociedade tradicional e os lugares sociais concretos de suas comunidades existem em função da cidade; de uma ou algumas cidades próximas ou mesmo distantes. Ainda quando situadas em suas fronteiras remotas, a cidade, o mundo urbano, o lugar social do poder para além das redes e teias do parentesco, constituem-se como os cenários de desejada e/ou de inevitável referência para os povoadores de comunidades tradicionais (BRANDÃO, 2010, p. 348).

A compreensão dessa relação que o autor estabelece entre as cidades e as comunidades tradicionais pode se dar a partir da reflexão que o autor faz sobre o lugar e o papel das pequenas comunidades campesinas. “Ao longo da história e entre os espaços da geografia de praticamente todo o planeta, mais do que servir-se da cidade, serviu servilmente a ela, tomando possível a sua existência, a sua expansão e o seu desenvolvimento” (BRANDÃO, 2010, p. 349).

Por outro lado, apesar dessa relação que, em uma perspectiva materialista, se estabelece entre as comunidades tradicionais e as cidades, vale ressaltar que, por outro lado, em muitos casos, as relações emocionais estabelecidas entre os membros das comunidades e o espaço em que vivem os tornam quase indiferentes às cidades, enquanto referência de modo de ser e viver. Também dentro de uma perspectiva materialista, Diegues (1996) destaca que,

[...] comunidades tradicionais estão relacionadas com um tipo de organização econômica e social com reduzida acumulação de capital, não usando força de trabalho assalariado. Nelas, produtores independentes estão envolvidos em atividades econômicas de pequena escala, como agricultura e pesca, coleta e artesanato. Economicamente, portanto, essas comunidades se baseiam no uso dos recursos naturais renováveis [...] Seus padrões de consumo, baixa densidade populacional e limitado desenvolvimento tecnológico fazem com que sua interferência no meio ambiente seja pequena (DIEGUE, 1996, p. 87).

A organização desses grupos pode ser entendida como um dos meios encontrados para saírem da invisibilidade. Mesmo com o Decreto 6.040/2007, os povos tradicionais têm se mantido ativos no intuito de não estarem em um local de indiferença no que tange aos direitos concedidos para as populações das cidades. Assim, as populações tradicionais com as incorporações de critérios de autodefinição estão ocupando novos espaços no campo das conquistas sociais.

A existência de uma política pública governamental direcionada aos povos tradicionais é um desdobramento das ações desses grupos, isto significa chamar a atenção das instituições públicas a lançar um novo olhar para este grupo social. No entanto, ainda é perceptível a invisibilidade das comunidades tradicionais, que sofrem pressões econômicas, fundiárias e processos discriminatórios, como Quebradeiras de coco, Ribeirinhos, pequenos produtores rurais, entre outros.

O tratamento ambivalente dado pelo Estado aos “povos e comunidades tradicionais” é levantado por autores como Costa Filho et al. (2016). Ele ressalta que essa categorização, ao mesmo tempo em que demonstra um comprometimento do Estado “ao assumir a diversidade no trato com a realidade social brasileira, pode ser associada acadêmica, política e tecnicamente a outras leituras homogeneizadoras” (p. 5). Na perspectiva dessa leitura, ocorre a invisibilidade de identidades ou atributos “étnicos”, em prol da classificação dos “povos e comunidades tradicionais” como “pequenos produtores”, “sitiantes”, “posseiros”, “agregados” e, mais recentemente, “agricultores familiares”.

Já Cunha (2009), que usa o termo populações tradicionais, ao invés de comunidades tradicionais, chama atenção para a necessidade de uma visão pluralizada das características das populações tradicionais na conceituação desse termo. Ela defende que não existe uma confusão conceitual, mas que o termo é plural, que pode ser compreendido a partir do olhar para as diferentes práticas dos sujeitos. Para o autor:

O emprego do termo “populações tradicionais” é propositadamente abrangente. Contudo, esta abrangência não deve ser tomada por confusão conceitual. Definir as populações tradicionais pela adesão à tradição seria contraditório com os conhecimentos antropológicos atuais. Defini-las como populações que têm baixo impacto sobre o ambiente, para depois afirmar que são ecologicamente sustentáveis, seria mera tautologia. Se as definirmos como populações que estão fora da esfera do mercado, será difícil encontrá-las hoje em dia [...] Por enquanto, achamos melhor definir as “populações tradicionais” de maneira “extensional”, isto é, enumerando os seus “membros” atuais, ou candidatos a “membros”. Essa abordagem está de acordo com a ênfase que daremos à criação e à apropriação de categorias, e, o que é mais importante, ela aponta para a formação de sujeitos por meio de novas práticas (CUNHA, 2009, p. 289).

Ao invés de uma homogeneização, a compreensão da sociedade e das chamadas comunidades tradicionais exige uma visão pluralizada, que valorize características partilhadas sem deixar de lado as diferenças existentes entre cada formação social. Sendo que as comunidades indígenas, as quebradeiras de coco, as parteiras, apenas para citar alguns exemplos de grupos sociais, possuem identidades culturais próprias.

Em meio às diferenças culturais presentes nas diversas sociedades, deparamo-nos com um olhar para o “outro”, que Brandão (2010, p. 350) apresenta da seguinte forma: “seja como um sujeito individual - um pai, uma mãe, um padrinho - seja como um sujeito institucional ou mesmo plural - um ancestral familiar, um líder de clã, um conselho de comunidade”. Cada membro representa um ator e um fator de atribuição de identidade.

Em linhas gerais, considerando os pressupostos de Cunha (2009) e Brandão (2010), as comunidades tradicionais, em um sentido demográfico, podem ser entendidas como coletividade, reunidas em diferentes modalidades de comunidade. Brandão e Borges (2015), embora façam uma ressalva ao uso do termo populações tradicionais como menos abrangente do que comunidades tradicionais, os converge na ideia de que esses grupos não são referências de isolamento, “são também unidades culturais conectados com o mundo”. (BRANDÃO, BORGES (2015, p.8)

Diante dessa discussão multifacetada sobre comunidades tradicionais e situando-se diante do objeto deste estudo, que é o programa *Natureza Viva*, da Rádio Nacional da Amazônia, procuramos entender como esse programa tem atuado para dar visibilidade às diferentes comunidades tradicionais da Região Amazônica. Dentre as comunidades a serem contempladas na pauta do programa estão ribeirinhos, pescadores, parteiras, seringueiros, quebradeiras de coco babaçu, trabalhadores extrativistas, indígenas, entre outras.

Para compreendermos a proposta do *Natureza Viva*, é necessário lançar um olhar sobre a história da Rádio Nacional da Amazônia e seu objetivo de falar com as populações da região

Amazônica. Entender o processo histórico de consolidação dessa emissora com a proposta de ser porta voz de diferentes comunidades é, de certa forma, ter um olhar plural da diversidade de povos que vivem na Amazônia.

2.1 RÁDIO NACIONAL DA AMAZÔNIA: VOZ QUE FALA AO POVO DA FLORESTA

A Rádio Nacional da Amazônia foi inaugurada no dia 1º de setembro de 1977 com a proposta de integrar a Região Amazônica com o restante do país. Seu objetivo, conforme descreve Sevilles (2007, p. 01), era impedir que a população amazônica continuasse ouvindo apenas o som das rádios internacionais, que fugiam à censura da Ditadura Militar instaurada no Brasil em 1964, dentre elas: Rádio Havana, de Cuba; Rádio Moscou Internacional, da União Soviética; Rádio Tirana, da Albânia. Emissoras que, em muitos lugares do Brasil, eram as únicas possíveis de serem sintonizadas no dial dos aparelhos de rádio.

No início, eram veiculados programas que falavam do Brasil, da identidade nacional e da própria Amazônia. Mas, nem mesmo a emissora tinha construído sua identidade, era identificada como Rádio Nacional de Brasília, programação da Amazônia. Com a aproximação dos ouvintes e sua participação ativa, por meio de cartas, a programação foi se transformando até se tornar um canal de expressão para as comunidades da Amazônia. Isso porque, ao conhecer melhor seus ouvintes, a emissora passou a elaborar a sua programação conforme suas demandas.

Em entrevista concedida à Rádio Nacional da Amazônia nas comemorações dos 35 anos da emissora, em 2012, a radialista Mara Régia, que passou a integrar a equipe em 1978, apontou a importância do contato com os ouvintes. “As cartas são não só uma fonte enorme de pautas, demandas, como também de histórias sobre a Amazônia. Tanto assim que, nos estúdios da antiga Radiobrás, nós tínhamos painéis - fotos e cartas - ‘de cabo a rabo nos estúdios’, pois sempre foi o nosso grande tesouro”. (MARA, 2012).

A comunicação com os ouvintes, por meio das cartas, resultou em programas que pudessem dar visibilidade às questões locais. O programa *Natureza Viva*, por exemplo, atualmente produzido pela radialista Mara Régia, entrou no ar no início da década de 1990 e, conforme Paixão (2012), foi reformulado em 1992 pelo jornalista Paulo Lyra, com o objetivo de traduzir o conceito de sustentabilidade, difundido durante a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, também conhecida como Rio 92. Esse conceito passou a ser trabalhado levando em consideração as vivências das comunidades tradicionais da Região Amazônica, proposta que segue até hoje:

O *Natureza Viva* abre espaço nas ondas sonoras para discussões com lideranças rurais da Amazônia, como ribeirinhos, pescadores, seringueiros, quebradeiras de coco babaçu, trabalhadores extrativistas, indígenas, associação de jovens e de mulheres, além de dicas para preservação do meio ambiente (BRASIL, 2018).

Ao longo de sua história, o programa foi se aproximando cada vez mais das questões ligadas às comunidades tradicionais da Amazônia, além de se transformar em um importante meio de mobilização e sensibilização do seu público para questões ligadas à cidadania, cultura e sustentabilidade. A consolidação deste viés social se deu em 29 de maio de 1993, quando a então Radiobrás, atual Empresa Brasil de Comunicação (EBC), deu início à transmissão semanal do *Natureza Viva*, em parceria com o Fundo Mundial para a Natureza (WWF - Brasil) e o Grupo de Trabalho Amazônico (GTA). Assim, o programa se estabilizou na programação da Rádio Nacional da Amazônia chegando a desenvolver projetos no interior do país junto às comunidades.

2.2 NATUREZA VIVA: COMUNIDADES TRADICIONAIS NA PROGRAMAÇÃO DA RÁDIO NACIONAL DA AMAZÔNIA

Embora o programa *Natureza Viva* tenha nascido com uma proposta de estabelecer um diálogo direto com as comunidades tradicionais da região amazônica, é importante ressaltar que se trata de uma produção que nasce fora das comunidades tradicionais, podendo ir ao encontro do que descreve Moraes et al. (2017). O autor entende que as comunidades tradicionais enfrentam as pressões das forças econômicas dominantes, que querem impor modelos de desenvolvimento econômico e cultural.

A complexidade da organização social da humanidade, os grupos minoritários ou aqueles que se caracterizam de maneiras diferentes àquele natural da força hegemônica da sociedade, se pautam sobre dificuldades para a manutenção de sua cultura e mesmo para a sua sustentação econômica num olhar restrito e para a promoção do desenvolvimento em uma perspectiva mais ampla (MORAES et al. 2017, p. 504).

Partindo do olhar de Moraes *et al.* (2017), o programa *Natureza Viva* pode ser visto por várias perspectivas, seja como um aliado das comunidades tradicionais, com a proposta de ouvir a voz das pessoas participantes dessas comunidades, abrindo espaço para temáticas de interesses desses grupos, dando visibilidade à manutenção cultural, questões econômicas e ainda trabalhando a relação do corpo feminino com as questões ambientais. Mas, também, como

uma ferramenta que impunha modelos de desenvolvimento econômico e cultural que poderiam redefinir a própria realidade das comunidades tradicionais amazônicas.

A trajetória do programa lança um olhar para questões que, ao longo dos anos, marcam as reivindicações das populações tradicionais da Região Amazônica. Marina Silva, ambientalista engajada, pedagoga e política brasileira, quando ministra do Meio Ambiente, teve oportunidade de falar sobre a importância do Natureza Viva como um programa que ousou traduzir para os ribeirinhos da Amazônia temas como conservação e desenvolvimento sustentável, em uma época em que a maior parte da população ainda não entendia o que isso significava.

Uma das grandes inovações do programa Natureza Viva foi criar uma linguagem de rádio para falar de meio ambiente, sobretudo para aqueles que vivem a problemática do meio ambiente no seu cotidiano mais próximo: as populações locais, as populações tradicionais. É muito difícil conceber um programa assim, todavia, a forma, a linguagem simples, a capacidade de acessibilidade nos temas por parte dos mais diferentes segmentos, se constituiu em uma referência muito positiva na Amazônia. Eu mesmo tive a oportunidade de participar muitas vezes do programa Natureza Viva. Ele alcança várias populações de seringueiros, índios, ribeirinhos, pescadores, quebradeiras de coco (SILVA, 2003).

No blog Na Trilha do Rádio,³ Paixão (2012) destaca que o programa Natureza Viva passou por várias fases, mas sempre manteve o formato de revista radiofônica. Inicialmente, foi ancorado pela dupla Ida Pietricovsky e Carlos Moreira. Nesse mesmo período, com o apoio do UNIFEM, hoje ONU Mulheres, a jornalista Mara Régia Di Perna produzia e apresentava no programa o quadro Natureza Mulher, voltado para a questão de gênero e meio ambiente.

Já em 1995, o comando do programa passou a ser dividido por Mara Régia e a radialista Rejane Limaverde. Daí por diante a experiência se ampliou com várias viagens de campo às comunidades. Oficinas de comunicação também foram sistematizadas para o uso do rádio no combate às queimadas e incêndios florestais na Amazônia.

Uma das presenças marcantes no programa Natureza Viva, especialmente na década de 1990, foi a líder das quebradeiras de coco babaçu da Amazônia, Raimunda Gomes da Silva, a Dona Raimunda dos Cocos, que dedica sua vida ao trabalho com o babaçu livre. Em artigo escrito para o jornal O Estado de São Paulo, Tavares (2009) destacou que, em 1995, ao lado da radialista Mara Régia, Dona Raimunda dos Cocos esteve na China, na IV Conferência Mundial

³ O blogue Na Trilha do Rádio pode ser acessado em: <http://natrilhadoradio.blogspot.com/>.

da Mulher, organizada pela ONU. O *Xote das Quebradeiras*⁴, que chegou a ser gravado em CD por Dona Raimunda, e que é um sucesso na trilha sonora do programa. Seu canto e sua voz denunciam as difíceis condições de quem trabalha com a terra, destacam o uso indiscriminado de agrotóxicos que, já nos anos de 1990, era criticado por Dona Raimunda na porta do Ministério do Meio Ambiente, na esperança de ser ouvida pelo então ministro Zequinha Sarney.

O nosso país é o terceiro país maior do mundo na questão do uso de inseticida. São mais de mil produtos de inseticidas vendidos de vários preços. Para ser botada em cima da nossa 'lavrura', em cima da terra, em cima do mato e na nossa região 'tão' botando nas palmeiras de coco babaçu. Quando a gente pensa que não, as palmeiras 'tão' morrendo e não é de outra coisa não, é de veneno. A chuva chega, lava, aquele veneno entra na terra, mata os 'peixe' na terra, sai água do poço, o pessoal bebe, e é isso que 'tá' fazendo o 'cânçu' das grotas, embebe nos 'pulmões' das pessoas. É o que está matando o pessoal de 'cânçu'. É o veneno que o pessoal 'tão' comendo, 'tão' usando⁵.

Paixão (2012) destaca que a atuação do programa junto às comunidades tradicionais fez com que ele fosse reconhecido e premiado. Prêmio Towards 2000, setembro de 1995; Prêmio Embrapa de Reportagem, novembro de 1995 e Troféu Gaia, 1996. Em junho de 1996, o programa comemorou o ciclo virtuoso de suas premiações com a assinatura da ampliação do contrato de parceria feita pelo então presidente da Radiobrás, Maurílio Ferreira, com o então ministro do Meio Ambiente, Gustavo Krause, garantindo assim a permanência do programa no ar, diariamente, das 7h30 às 8 horas⁶.

Em 1997, Mara Régia é selecionada pelo concurso de bolsas de estudos e pesquisas da Fundação Mac Arthur com o projeto *Mulher nas ondas do rádio, corpo e alma rompem o silêncio*. Com base nas cartas da audiência do programa, o projeto se dispôs a potencializar o uso do rádio no trato da saúde da mulher e direitos reprodutivos. Já engajada nos movimentos feministas desde a década de 1980, em função do programa *Viva Maria*, que apresentava na Rádio Nacional de Brasília, Mara Régia contava com a confiança das mulheres que dividiam seus sofrimentos em busca de uma palavra de conforto.

⁴ A música *Xote das Quebradeiras* está disponível no YouTube em: <https://www.youtube.com/watch?v=bk2YzPO1BIw>. Acesso em: 21 de jun. 2018.

⁵ Depoimento da Dona Raimunda dos Cocos ao *Natureza Viva* em 14 de setembro de 2003. Data que comemorou os 10 anos de estreia do programa e seu retorno à programação da Rádio Nacional da Amazônia. A gravação do programa pode ser ouvida em: <http://natrilhadoradio.blogspot.com/2012/08/natureza-viva-quase-duas-decadas-de.html>. Acesso em: 21 de jun. 2018.

⁶ A assinatura do contrato foi destaque no programa *Voz do Brasil*, em 24 de junho de 1996, a matéria pode ser ouvida em: <http://natrilhadoradio.blogspot.com/2012/08/natureza-viva-quase-duas-decadas-de.html>. Acesso em: 21 jun. 2018.

Olhe, amiga, estou desesperada. Por favor, me ajude! Tenho 52 anos. Tem um tal de corrimento e uma coceira que me perturba muito. Estou tomando remédio caseiro: alho com sumo de mastruz de folha grossa e malva do reino, mas, mesmo assim, quando tenho relação, meu marido diz que estou fedendo. Com isto, estou de mão na cabeça. Outra coisa, agora estou sentindo uma dor no fundo da virilha. Gostaria que mostrasse essa carta para uma doutora (Rosa Vermelha, de algum lugar da Amazônia)⁷.

Em busca de uma melhor compreensão sobre o funcionamento da geografia do feminino, Mara se utilizava do abacate e da goiaba para a representação do útero e dos ovários. O trabalho final desse projeto culminou com a gravação da radionovela *A vida pede passagem*, uma história de luz⁸, gravada na virada de 1999 para 2000, no estúdio da Rádio Difusora de Macapá (RDM) e transmitida na Rádio Nacional da Amazônia. A produção foi feita a quatro mãos, por Mara Régia e a ginecologista obstetra Lívia Martins, que acompanhou a radialista em muitas oficinas. A participação das parteiras tradicionais do Amapá também foi decisiva na concepção desta radionovela. Além disso, o canto das indígenas do Oiapoque, por exemplo, transformou os microfones da RDM em berço para a história vivida pelo casal grávido Sônia e Carlos, pelas amigas Vera e Gilda, pelo machista Carranca e a parteira Ziquinha, personagens da trama.

Além de retratar o sofrimento pelos quais as mulheres ribeirinhas passam durante a gestação, a radionovela deu visibilidade ao trabalho das parteiras tradicionais, lideranças que atuam como parteiras, agentes de saúde, mediadoras de conflitos, etc. São conhecedoras de técnicas, manobras e uso de ervas no ciclo de gestação, parto e pós-parto. Aspectos que também receberam destaque na radionovela.

Usando de elementos sonoros (trilhas, cantos de pássaros, cantorias), a radionovela *A vida pede passagem*, uma história de luz leva os ouvintes para o ambiente das parteiras tradicionais. À medida que a história acontece, a radialista Mara Régia e a obstetra Lívia Martins comentam os fatos que são apresentados, atualizando e reforçando a importância dos conhecimentos das parteiras naquele contexto e sociedade.

Integrado às discussões políticas que refletem na qualidade de vida das mulheres da Região Amazônica, durante o desenvolvimento do projeto *Mulher nas ondas do rádio*, corpo e alma rompem o silêncio, Mara encaminhou 150 cartas-denúncia à Comissão Parlamentar de

⁷ Trecho de carta extraída de e-mail encaminhado pela radialista Mara Régia para compor este artigo. Escondidas por trás de pseudônimos, as mulheres se sentiam seguras para revelar as suas mazelas.

⁸ Reapresentação da radionovela *A Vida pede Passagem*. Disponível em: <http://memoria.ebc.com.br/radioagencianacional/materia/2013-02-07/reapresenta%C3%A7%C3%A3o-da-radionovela-vida-pede-passagem>. Acesso em: 13/03/2018.

Inquérito (CPI) da Mortalidade Materna, instalada na Câmara dos Deputados no ano 2000. O dossiê consta nos anais da instituição⁹.

No blog Na Trilha do Rádio, Paixão (2012) também destaca que, por seu ativismo frente às questões ligadas ao meio ambiente, feminismo e às comunidades tradicionais, o *Natureza Viva* se tornou finalista do Prêmio Ibero-americano, Unicef 1999, e do Prêmio Ayrton Senna, em 2000 e 2001; e ainda conquistou o Prêmio Cidadania, em 2002 e 2003.

A parceria de Rejane Limaverde e Mara Régia, na apresentação do programa *Natureza Viva*, encerrou-se em 1997. Desde então, Mara Régia ficou sozinha no comando do programa. Visando atingir diferentes públicos, a radialista levou para o programa o personagem infantil Maria Bella (ou apenas Bellinha), que nasceu na radionovela *História do Dito Gaioleiro*, adaptada pela radialista Heleninha Bortone (a Tia Leninha), do livro *O Fazedor de Gaiolas*, de Jennart Moutinho Ribeiro e veiculada pela Rádio Nacional da Amazônia, em janeiro de 1980.

A vinheta do quadro em que Maria Bella aparecia anunciava: *Natureza Criança*, plantando as sementes da mudança. Reduzir, reciclar e reutilizar. A ideia era sensibilizar as crianças para ações simples, que pudessem ser desenvolvidas no dia a dia, com o intuito de promover uma relação equilibrada entre o ser humano e o meio ambiente e, quem sabe assim, garantir um futuro melhor para as comunidades tradicionais. Em entrevista ao blog *Encontro com Tia Leninha*, em 2016, Mara Régia de Perna lembrou que, por mais de 10 anos, fez Educação Ambiental junto às crianças da Amazônia utilizando a personagem Maria Bella. Em 26 de junho de 2008, Bellinha saiu do ar em função da morte de sua idealizadora, Heleninha Bortone. A decisão de silenciar a personagem foi a maneira escolhida por Mara Régia para homenagear Tia Leninha.

O programa *Natureza Viva* trabalha as suas temáticas considerando as relações dos agentes envolvidos nas comunidades tradicionais com o ambiente em que estão inseridos. Assim, vai ao encontro das discussões propostas por Diegues (1996), no que diz respeito ao envolvimento dessas comunidades em atividades de pequena escala e sua interferência no meio ambiente.

Em 1998, o WWF Brasil fez a primeira pesquisa de audiência já conduzida na zona rural da Amazônia entre ouvintes de rádio. Uma equipe do departamento de comunicação da Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep) saiu a campo pelos estados do Pará, Acre, Rondônia, Tocantins e Mato Grosso. Foram feitas 540 entrevistas com lideranças rurais e

⁹ O relatório da CPI da Mortalidade Materna está disponível em: <http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-temporarias/parlamentar-de-inquerito/51-legislatura/cpimater/relatoriofinal.pdf> Acesso em: 21 de jun.2018. p. 97-99.

pequenos proprietários, trabalhadoras e trabalhadores rurais. Ao final, a pesquisa confirmou o papel do rádio como principal veículo de comunicação para toda a Amazônia e revelou que entre as lideranças rurais da região, todos os entrevistados conheciam o programa Natureza Viva e que 76,7% deles em algum momento já haviam adotado, na prática, pelo menos um conceito ou informação difundidos pelo programa¹⁰.

Apesar da importância dada às questões ambientais e do reconhecimento que o programa recebeu por meio de premiações, em meados do ano 2000, o governo de Fernando Henrique Cardoso decidiu interromper a trajetória do programa com a suspensão do contrato de parceria entre o WWF Brasil e Grupo de Trabalho Amazônico (GTA).

Ao sair da grade de programação da Rádio Nacional da Amazônia, o Natureza Viva passou a ser transmitido pela Rádio Difusora Acreana, com o apoio do governo do Acre, por meio da Fundação Elias Mansour. Nessa fase, tornou-se um programa regional, veiculado aos domingos, das 5 às 6 horas (horário local), pelo Sistema Difusora de Comunicação que alcançava os municípios de Xapuri, Rio Branco, Sena Madureira, Feijó, Cruzeiro do Sul e Epitaciolândia. No âmbito regional, o Natureza Viva conseguiu ampliar seu espaço por meio de rádios comunitárias, como a Rádio Gameleira FM, do segundo distrito de Rio Branco.

Três anos depois, em 14 de setembro de 2003, já no Governo Lula, o programa retornou à programação da Rádio Nacional da Amazônia, com transmissão para toda a Amazônia Legal. Na edição de retorno, foram trazidos alguns depoimentos que reforçavam a importância do programa e da Rádio Nacional para a população Amazônica. Maria Albuquerque Muniz, mais conhecida como Maria do Boiadeiro, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tucumã (PA), comemorou. “O rádio lá para minha região é igualmente uma sombra. Para onde a gente vai, carrega [...]. Lá, a gente medita... não só eu... Como seria nós (sic) sem o povo da Rádio Nacional? Como seria? Porque é quem nos traz alegria. Nós estamos numa região desprezada, o governo não olha para nós”¹¹.

Quando o programa voltou para a Rádio Nacional da Amazônia, Mara Régia estava engajada no projeto “Proteger II”, do Grupo de Trabalho Amazônico. O Proteger II tinha sob sua responsabilidade a execução de 18 laboratórios de rádio em 07 estados da Amazônia Legal,

¹⁰ *Natureza Viva* festeja 10 anos com CD e retorno à Radiobrás. Estadão, São Paulo, 19 de set. 2013. Disponível em: <http://ciencia.estadao.com.br/noticias/geral,natureza-viva-festeja-10-anos-com-cd-e-retorno-a-radiobras,20030919p73500>. Acesso em: 01/04/2018.

¹¹ Depoimento de Maria Albuquerque Muniz ao programa Natureza Viva de 14 de setembro de 2003, que comemorou os 10 anos de estreia do programa e seu retorno à Rádio Nacional da Amazônia. A gravação do programa pode ser ouvida em: <http://natrilhadoradio.blogspot.com/2012/08/natureza-viva-quase-duas-decadas-de.html>. Acesso em: 21 de jun. 2018.

com o objetivo de combater as queimadas e dar visibilidade às experiências sem uso do fogo na Região Norte.

O projeto fez do Natureza Viva matriz para a produção de vários programas voltados para a proteção da natureza e, assim, conseguiu ampliar ainda mais a rede de comunicadores populares, chamados de ‘maritacas’ e ‘beija-flores’. Um exemplo dos produtos dessas oficinas foi o programa A Voz da Natureza, protegendo a natureza como um beija-flor, produzido na oficina realizada no município de Conceição do Araguaia (PA). Assim, a rede de comunicadores populares foi se ampliando pela Amazônia, difundindo práticas agroecológicas para proteção da natureza.

Em reconhecimento a esse trabalho, mas também pela articulação e mobilização das mulheres amazônicas e atuação contra as desigualdades de gênero, em 2004 Mara Régia foi indicada ao Prêmio Cláudia, categoria Trabalho Social. Seu trabalho, voltado para as questões de gênero e meio ambiente, contribuiu para que em 2005, acompanhada por 52 renomadas brasileiras, fosse indicada ao Prêmio Nobel da Paz, pelo projeto 1000 Mulheres pela Paz¹². Nesse mesmo ano, a radialista foi classificada em terceiro lugar no Prêmio Chico Mendes de Meio Ambiente - concedido pelo Ministério do Meio Ambiente como uma forma de valorizar projetos que contribuam para o desenvolvimento sustentável da Amazônia. No ano seguinte, voltou a ser indicada e conquistou o primeiro lugar na categoria Arte e Cultura. Nesta ocasião, a jornalista, escritora e documentarista Eliane Brum, em uma carta poesia apresentou Mara Régia:

Mara Régia Di Perna é do tipo que a lenda chega antes, muitas curvas de rios, igarapés, cachoeiras, corredeiras antes. Aconteceu comigo. E acontece com cada repórter, autoridade ou viajante que bota o pé na Amazônia. A nossa cara, o jeito, as roupas, denunciam que viemos do Brasil de longe. E naquelas lonjuras, eles detectam não um rosto, mas uma voz. No ritual de aproximação, em que o visitante e o visitado tentam achar um ponto de ligação, algo que nos torne do mesmo país, que una nossas diferenças, Mara Régia aparece (BRUM, [21--]).

Em janeiro de 2009, uma equipe de apresentadores, produtores, repórteres e operadores de áudio da Rádio Nacional da Amazônia seguiu para o Estado do Pará para acompanhar, por 10 dias, o Fórum Social Mundial, em Belém. A cobertura feita por meio de parceria entre as emissoras da Empresa Brasil de Comunicação (EBC) foi ancorada por Mara Régia e Luciano

¹² Mais informações sobre o Projeto Mulheres pela Paz, pode ser acessada em: <http://www.mulherespaz.org.br/seminarios-e-exposicoes/1000-mulheres-pela-paz-ao-redor-do-mundo/>. Acesso em: 21 de jun. 2018.

Barroso, que se revezavam nas 10 horas diárias de transmissões. Realizado pela primeira vez na Região Amazônica, o Fórum Social Mundial defendeu a valorização da região como ela é – com suas riquezas naturais, seus povos e suas culturas – distanciando da noção de fronteira aberta a ser explorada por quem vêm de fora.

As transmissões feitas durante a cobertura, incluindo a apresentação do Natureza Viva direto do local do evento, deram visibilidade às discussões que estavam sendo feitas pelas comunidades tradicionais, assim como destacaram alguns aspectos da cultura destes povos. Isto aparece na matéria da repórter Cristina Guimarães, veiculada durante o evento:

Em Belém há uma diversidade de eventos que acontecem nas praças e centros culturais. Por causa do Fórum, muitos grupos nativos e tradicionais de localidades mais próximas estão na cidade mostrando a sua arte. Quem esteve, ontem à noite, no centro da cidade pode acompanhar um grupo nativo dando um show na Praça da Casa das 11 Janelas, um dos pontos turísticos de Belém. A música era uma mistura de tambor com bateria, chocalho e guitarra, chamado Samba de Cacete. [...] E na Praça do Carmo o show foi comandado por um grupo familiar de uma comunidade quilombola, que fica em Cachoeira do Piriá, na divisa do Pará com o Maranhão. O ritmo herdado dos escravos mostrou o som dos quilombolas: o tambor de crioula [...] (GUIMARÃES, 2009).

As temáticas ligadas à realidade dos povos indígenas receberam uma atenção especial durante as transmissões. Estiveram em destaque histórias vivenciadas no decorrer das viagens em direção ao Fórum, manifestações culturais, debates sobre a garantia de direitos, a realização de projetos pioneiros como o Índios On-line – um portal de notícias alimentado e direcionado aos povos indígenas, que visa uma aliança Inter-étnica para que as comunidades indígenas possam fortalecer suas culturas, intercambiar experiências, melhorar sua cidadania e qualidade de vida.

As discussões em torno da relação entre seres humanos e meio ambiente também levaram a radialista Mara Régia e o programa Natureza Viva para Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Natural, também conhecida como Rio+20. A conferência foi realizada entre os dias 13 e 22 de junho de 2012 na cidade brasileira do Rio de Janeiro (RJ). Ao longo desses dias, a programação da Rádio Nacional da Amazônia recebeu vários convidados para participar dos debates sobre os temas que foram destaques na Rio + 20. As transmissões foram feitas da Cúpula dos Povos, no Aterro do Flamengo e da Cúpula dos Chefes de Estados, no Riocentro.

Essa iniciativa não foi muito diferente da cobertura do Fórum Social Mundial, em que as populações tradicionais tiveram amplo espaço para debater as temáticas do seu interesse. Os

povos indígenas voltaram a ter muitas das suas bandeiras difundidas por meio da programação. Do Estado do Tocantins, os Povos Xerente, que estavam representados no evento, receberam amplo destaque e tiveram a oportunidade de apresentar relatos sobre a realidade em que vivem.

A integração do programa com as discussões de temáticas ligadas às comunidades tradicionais também trouxe o programa Natureza Viva para Palmas (TO), na cobertura do I Jogos Mundiais dos Povos Indígenas (JMPI), evento multiesportivo, que reuniu atletas representantes de povos indígenas de diversos países entre os dias 23 de outubro e 1º de novembro de 2015.

Ao longo de duas horas, das 8 às 10 horas, aos domingos, por meio dos seus quadros, destaca as temáticas ligadas às comunidades tradicionais e seus ambientes. Um desses quadros é o Leva e Traz, fazendo o seu recado navegar pelas ondas do rádio, em que são atendidas as cartas, ligações e, principalmente, mensagens enviadas via WhatsApp. Isso porque, à medida que as comunicações foram avançando no interior do Brasil, as formas de participação no programa também se ampliaram.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste breve estudo, foi possível perceber que o espaço aberto pelo programa Natureza Viva reforça o papel de integração proposto para a Rádio Nacional da Amazônia na época da sua criação. As discussões promovidas pelo programa fomentam maior conscientização sobre ações que os membros das comunidades tradicionais podem executar para a garantia dos seus direitos.

As discussões que permeiam o Natureza Viva seguem a perspectiva de Brandão e Borges (2015, p.8), que entendem que as comunidades tradicionais não são sinônimo de isolamento. Para isso, o programa trata os membros das comunidades tradicionais como detentores de direitos e saberes, assim como qualquer cidadão e coloca em pauta assuntos que promovam diferentes percepções de mundo.

Historicamente, vimos que há um engajamento do programa com temáticas de interesse das comunidades tradicionais da Amazônia, além de impulsionar a busca pela cidadania na vida dos moradores da Região Norte do país, em especial de comunidades localizadas nas áreas rurais, ribeirinhas, indígenas e fronteiriças, onde outros veículos de comunicação têm dificuldade de acesso.

Outro aspecto interessante é a proposta de incentivar a expansão da comunicação em meio às comunidades tradicionais, por meio das oficinas realizadas com o projeto Proteger II.

A ideia é fazer com que essas comunidades usem as rádios comunitárias como ferramentas de fomento a debates e mobilização em torno das temáticas de interesse desses grupos. É uma ação fundamental para a manutenção das próprias comunidades e suas culturas.

Percebe-se que, além das comunidades tradicionais, as mulheres e as questões de gênero têm presença marcante na pauta do programa Natureza Viva. Na abordagem do programa, aparecem assuntos como direitos reprodutivos, enfrentamento da violência contra as mulheres, entre outros assuntos ligados à cidadania feminina. Fruto dessa atuação foram as cartas denúncias entregues a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Mortalidade Materna, em 2000.

Outro reflexo importante da atuação do Natureza Viva foi a criação da radionovela A vida pede passagem, uma história de luz que, na época, deu visibilidade a atuação das parteiras, mulheres que são referência de liderança dentro de suas comunidades. Até hoje, a radionovela é citada pelos ouvintes que participam do programa. A obstetra Lívia Martins, que participou da criação da radionovela, também tem participação constante no programa com orientações sobre o corpo e a saúde da mulher.

REFERÊNCIAS

BATISTA, D. B. **O papel do rádio no fornecimento de informações às comunidades locais:** um estudo de caso do programa Ponto de Encontro, da Rádio Nacional da Amazônia. 2006. 76 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo) - Centro Universitário de Brasília, Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, Brasília, 2006. Disponível em: <https://slidex.tips/downloadFile/o-papel-do-radio-no-fornecimento-de-informacoes-as-comunidades-locais-um-estudo-d>. Acesso em: 10 mar. 2018.

BRANDÃO, C. R. A comunidade tradicional. *In*: COSTA, J. B. A.; LUZ, C. (org). **Cerrado, gerais, sertão:** comunidades tradicionais dos sertões roseanos. Montes Claros: Intermeios, 2010. p. 347-361. Disponível em: <http://nupaub.fflch.usp.br/sites/nupaub.fflch.usp.br/files/a%20comunidade%20trad160.pdf>. Acesso: 28 fev. 2018.

BRANDÃO, C. R.; BORGES, M. C. O lugar da vida - comunidade e comunidade tradicional. **Campo-território:** revista de geografia agrária, Edição especial do XXI ENGA-2012, p. 1-23, jun. 2014. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/download/27067/14695>. Acesso em: 1 mar. 2018.

BRASIL. **Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007.** Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Brasília: Presidência da República, 2007. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm. Acesso em: 1 mar. 2018.

BRASIL. Rádios EBC. Natureza viva. **Sobre o Programa**. Brasília: EBC, 2018. Disponível em: <http://radios.ebc.com.br/natureza-viva>. Acesso em: 14 mar. 2018.

BRUM, E. A voz da floresta. **Daniela Arbex**, [S. l.], [21--]. Disponível em: <http://www.danielaarbex.com.br/a-voz-da-floresta/>. Acesso em: 10 mar. 2018.

COSTA FILHO, A. et al. Mapeamento dos povos e comunidades tradicionais de Minas Gerais: visibilização e inclusão sociopolítica. Um breve relato sobre incursões no semiárido mineiro. **Interfaces - Revista de Extensão da UFMG**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 69–88, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistainterfaces/article/view/18965>. Acesso em: 5 mar. 2018.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Cultura com aspas**. São Paulo: CosacNaify, 2009.

DIEGUES; A. C.; ARRUDA; R. S. V. (org.) **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: USP, 2001.

DIEGUES, A. C. S. **O mito da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec. 1996.

GEISEL, Ernesto. Discursos. Volume IV. 1977. Assessoria de Imprensa da Presidência da República. 1978. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/publicacoes-oficiais/catalogo/geisel/discursos-vol-iv-1977/@download/file/Discursos%20-%20vol.IV%20-%201977.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2018.

GUIMARÃES, Cristina. [Fórum Social Mundial 2009 - Diversos sons e ritmos animaram os turistas e participantes do encontro](http://memoria.ebc.com.br/radioagencianacional/sites/radioagencianacional.ebc.com.br/files/audios/2009/02/01/01-02-09%20-%20FSM-%20BELEM%20CULTURAL%20-CRISTINA%20GUIMARAES-dora.mp3). Disponível em: <http://memoria.ebc.com.br/radioagencianacional/sites/radioagencianacional.ebc.com.br/files/audios/2009/02/01/01-02-09%20-%20FSM-%20BELEM%20CULTURAL%20-CRISTINA%20GUIMARAES-dora.mp3>. Acesso em: 15 mar. 2018.

MARA Régia fez e mudou a história com a Rádio Nacional da Amazônia. Brasília: Radioagência Nacional, 2012. Disponível em: <http://memoria.ebc.com.br/radioagencianacional/materia/2012-08-12/mara-r%C3%A9gia-fez-e-mudou-hist%C3%B3ria-com-r%C3%A1dio-nacional-da-amaz%C3%B4nia>. Acesso em: 15 mar. 2018.

MENSAGEM é ouvida na Amazônia. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 2 set. 1977. p. 13. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_09&pasta=ano%20197&pesq=Mensagem%20C3%A9%20ouvida%20na%20Amaz%C3%B4nia. Acesso em: 10 mar. 2018.

MORAES, N. R. et al. O desafio do desenvolvimento nas comunidades tradicionais brasileiras: análise da delimitação conceitual. **Revista Observatório**, Palmas, v. 3, n. 5, p. 501-522, ago. 2017. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/3667/11287>. Acesso em: 4 mar. 2018.

PAIXÃO, C. C. Natureza viva, quase duas décadas de cidadania na Rádio Nacional da Amazônia. **Na Trilha do Rádio**, 26 ago. 2012. Disponível em: <http://natrilhadoradio.blogspot.com.br/search/label/Natureza%20Viva>. Acesso em: 14 / mar. 2018.

PERNA, M. R. Mara Régia conta como chegou aos microfones da Rádio Nacional impulsionada por Heleninha Bortone, **Encontro com Tia Heleninha**, [S. l.], 8 fev. 2016. Disponível em: <http://encontrocomtiaheninha.blogspot.com.br/2016/02/mara-regia-conta-como-chegou-aos-8.html>. Acesso em: 10 mar. 2018.

SILVA, M. Natureza Viva volta à programação da Rádio Nacional da Amazônia. Brasília. Rádio Nacional da Amazônia, 2013.

TAVARES, F. Ela quebra tudo. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://alias.estadao.com.br/noticias/geral,ela-quebra-tudo,335232>. Acesso em: 21 jun. 2018.